



## Mortos e práticas fúnebres: Entre inovações e tradições na experiência urbana em Uberlândia.

RENATO RODRIGUES FAROFA\*

*... Cortejo Fúnebre - Pode-se dizer que Uberlândia ainda não havia presenciado um espetáculo mais comovedor do que o cortejo fúnebre do enterramento daquele que soube cumprir na terra sua missão. Foi compreendendo perfeitamente isso que a culta sociedade uberlandense, para a qual tanto trabalhou o major Tobias com todos aqueles que ele familiarmente chefiou, compareceu aos seus funerais, realizados as primeiras horas, do dia 14, no qual vimos representações de todos os credos e classes, rendendo as qualidades do exemplarismo chefe de família extinto a sua derradeira homenagem.... Todos os autos que acompanharam o cortejo iam cheios, não tendo os mesmos comportado o número de pessoas que desejavam acompanhar até a sua derradeira morada o saudoso uberlandense. O féretro foi retirado às 9 e 20 minutos da casa da residência da família Ignácio de Souza, sendo carregado até a Igreja pelos circunstantes, formando se até a Matriz uma verdadeira procissão. Os ofícios religiosos couberam ao rvm. Cônego Albino de Figueiredo e seu coadjutor, sendo até a Matriz o corpo acompanhado por s. rvm. No Largo da Matriz o número de automóveis cresceu três vezes mais, pois devido a rua Barão de Camargos ser muito estreita diversos particulares deixaram ali seus os seus carros. O desfile - No desfile foram contados 81 automóveis, todos repletos, o que equivale dizer que compareceram ao enterramento 500 pessoas, exceto as que foram a pé esperar o extinto na praça do cemitério ... (O falecimento do Major Tobias Ignácio de Souza. **A Tribuna**. 15/04/1936. Ano 19, nº 992, p.4.)*

*A população da zona central da cidade, em toda a extensão das suas principais avenidas, movimentou-se na manhã de ontem em um desusado impulso de curiosidade, que, desde logo, se espalhou celeremente. Embora se tratasse de um caso triste, não faltou quem levasse o acontecimento pelo lado jocoso, atribuindo-o, desde logo, à falta dos carburantes. O FATO. Cerca das sete e meia horas de ontem, desciam pela Avenida Floriano Peixoto sessenta e três carroças em desfile, cada uma delas conduzindo numerosas pessoas. A frente do cortejo fúnebre, em demanda do Cemitério Municipal. ... **UM DESEJO MANIFESTADO EM VIDA**. Para satisfazer á curiosidade geral, ante aquele féretro sui generis, a nossa reportagem se pôs, desde logo, em serviço e, daí a pouco, ficava ciente do ocorrido. Tratava-se do enterramento do carroceiro Justino Mateus de Melo, de 35 anos, solteiro, filho do casal Antônio Mateus e Leopoldina Rosa Mateus, residente á Av. Cesário Alvim 1672, na Vila Operária, nesta cidade, sendo natural da cidade paulista de Franca. Há poucos dias, o carroceiro Justino, em uma conversa em casa de sua família, manifestará o desejo de, ter o seu caixão conduzido ao cemitério por uma carroça. Anteontem tendo falecido vítima de uma síncope cardíaca, a sua genitora, d. Leopoldina, lembrou-se do seu desejo e, como não houvesse privilégio de empresas funerárias da cidade, resolveu-se a conduzir o caixão mortuário do filho em uma carroça, como este o desejará, para a sua última morada. O **CORTEJO**. E, si bem o pensou, ela o pôs imediatamente em prática e, depois de por em ordem os papéis mortuários e de encomendar o caixão, deu daquilo ciência ás pessoas amigas. Sabedores do caso, todos os colegas do carroceiro Justino resolveram-se à acompanhá-lo á sua última morada, levando em seus veículos de trabalho, as suas respectivas famílias. E foi por isso que, ontem pela manhã se verificou o estranho cortejo, rumo ao Cemitério Municipal. (Desejou um cortejo de carroças para levá-lo á última morada. Curioso desfile funerário através da cidade. **Correio de Uberlândia**. 10/09/1942. Ano 05, nº 998, p.1)*

Nos trechos de jornais transcritos acima ficam evidenciadas tradições, desejos e inovações com relação aos atos fúnebres, em especial nos cortejos na Uberlândia das décadas de 1930 e 1940. No sepultamento do Major Tobias Ignácio de Souza o destaque para os automóveis é notório. Já no sepultamento de Justino Mateus de Melo, o trânsito de carroças é alvo de destaque pelos jornalistas, não somente pela homenagem, como também por não acompanhar tendências modernas em funcionamento na cidade. Esses dois recortes de jornais da época evidenciam que as relações com o fato fúnebre sofreram modificações, mesmo com todas as tradições que envolviam a morte e o luto no período.

A criação de um cemitério aproximadamente 2,5 Km do centro da cidade e o modelo de necrópole espelhado na cidade bela, cidade jardim, da cidade que tem novo nome desde 1929, não mais Uberabinha e sim Uberlândia, são dois fatores que afetaram o tradicional cortejo fúnebre. No caso da localização do novo cemitério, o cortejo que até o final de 1928 tinha um curto trajeto (pouco mais de 700 metros), aumenta consideravelmente. E com relação ao moderno modelo de espaço cemiterial, o embelezamento, a preocupação cada vez maior de suntuosas sepulturas no novo espaço cemiterial fica evidente, numa tentativa de acompanhar as transformações urbanas, dentro do ideal de bom funcionamento na cidade dos vivos (PESAVENTO, 1999: 83).

Além dessas constatações, a sensibilidade com relação à veneração aos mortos, segundo crônicas de jornais, também parecia ter sido atingida pelo passar do tempo. Esse tipo de crônica, que se repetem no início da década de 1930, vai sendo reduzida com o passar dos anos. As alusões aos cemitérios, e também a visitação no dia dos finados se tornam bem menos frequentes segundo os cronistas na década mencionada se comparadas às dos anos 1920. Aliado a essa constatação de uma menor visitação, a crônica abaixo alude a outro temor: ao de o cemitério e seus mortos serem esquecidos.

*Não longe a cidade dos mortos de Uberlândia. De vez em quando a visitamos. Fulano? Coitado! Vou ao seu derradeiro passeio. O auto corre pela rua poeirenta do Cajubá e lá deixamos o amigo. Uns mais recentes outros mais antigos. São todos bons. Passam a inspirar piedade. Ante ontem foi dia de revê-los. Que?! Lá está o sr. Prefeito, o presidente, o reitor... Que sabemos. – Aquela viúva coitada! Sabe Deus o que ela sofre... Enfim! Aqui é o tumulto do cel. Carneiro, homem que sonhou com a grandeza da sua terra. Eu teria escrito este epitáfio de outra maneira. Mais sonhou! Efetivamente ele sonhou, porém realizou também. – Aquela menina que reza? Não conheço. Bonitas flores! De onde teriam vindo? Eis aí uma lembrança feliz: - flores naturais para os*

*mortos. Os cemitérios devem ser uns verdadeiros jardins. Aqui nós tratamos de embelezar as suas praças e esquecemos das cidades dos mortos. – Mais baixo, homem, olhe ali o prefeito. Ele talvez pense nisto... No cemitério velho: Limpo e zelado. Muito bem. Os cemitérios quanto mais velhos mais queridos devem ser. Nos túmulos antigos é que a gente vê, através dos anos e séculos a humanidade espelhar-se. – Chauteabriand? Que Chauteabriand! Isto é de Loti ou Prevost, nem sei. Este cemitério nos lembra tantos amigos! Olhe lá esta o túmulo do Padre Pio, Rafael Rinaldi, Azzelli, Cypriano, Severiano, quantos! Como que a gente vae-se adaptando!... A morte é como um entorpecente. Vem sorradeira, leva a gente, muito choro, muita coisa depois!... Consolame uma coisa. E que amanhã aqui estarei ao lado deles e me virão ver, também como hoje. Virão?(Meia hora entre os mortos. **A Tribuna**. 04/11/1936. Ano 20, n° 1050, p.4)*

Mesmo que mudanças na maneira de lidar com o dia dos mortos foram observadas pelos jornalistas do período, costumes tradicionais com relação ao morrer mantiveram-se, mesmo nesse processo, não de secularização, mas de modernização dos costumes. Destaco que o mesmo jornal que aponta para esse esfriamento com o 2 de novembro, e da falta de um sentimento mais religioso com os que dormem, é o mesmo que reafirma práticas litúrgicas voltadas diretamente para a Igreja Romana no processo da morte e da condução do luto na Uberlândia do período mencionado.

A presença da Igreja nos últimos instantes daqueles que moribundos esperam pelo momento derradeiro é registrada como um costume nas páginas do principal periódico da cidade. O receber dos sacramentos, bem como o cortejo da casa para a Igreja para depois ser levado ao cemitério são exemplos da presença do sagrado na modernidade, o que demonstra o quanto a religiosidade não fora afetada por um novo modelo de vida em sociedade não mais gerenciado pela Igreja. A importância da religião no morrer encontram-se nos dois trechos abaixo:

*JOSE COTTA PACHECO. Morreu no dia 23, nesta cidade, em casa de sua residência a rua 13 de maio nº2, na idade de 73 anos, esse descendente dos doadores do Patrimônio da Igreja, onde se acha edificada nossa cidade... O seu enterramento realizou-se no dia seguinte ao seu passamento com um cortejo concorridíssimo, apesar da falta de autos com que estamos lutando. José da Cotta Pacheco recebeu todos os sacramentos antes da sua morte e deixou este mundo cercado de todos os seus... Foi, seu corpo, de sua residência para a Igreja, onde o encomendou o revd. Padre Albino de Figueiredo, seguindo depois para a necrópole local onde foi dado á carneira especial. **A Tribuna**, apresenta a família do morto os seus pezames(Falecimento. **A Tribuna**. 26/10/1932. Ano 14, n° 636, p.4)*

*Teve uma recompensa altamente significativa de seu merecimento como mãe, esposa e educadora exemplarissima a conhecida e velha professora Maria Ethelvina da Conceição, mais conhecida pelo apelido de família que encima estas linhas. O seu enterro estava marcado para as duas horas; e, a uma e pouco a residência de um dos*

*seus filhos não comportava as pessoas que ali foram render-lhes a sua última homenagem, ficando em frente da residência a maior parte das mesmas onde se viam representações da varias classes e todos os amigos da família Cardoso desta cidade... Toda a representação uberlandense pode dizer ali se encontrava e foi um verdadeiro ato tocante quando surgiu o féretro carregado pelos seus filhos, com rumo a Igreja Matriz, precedido pelo revmo. Padre Agenor Pedroso, que oficiou o ato fúnebre. Da Igreja Matriz ao cemitério o acompanhamento foi feito de auto, falando no cemitério o talentoso acadêmico Sr. Cleanto Vieira, que produziu uma oração digna de todo elogio, pela sua correção, pelo sentimento com que foi pronunciada e pela magoa que sentia ao pronunciar as palavras sobre o ataúde de d.Pitú, esse futuro orador uberlandense(O falecimento da professora Pitú. Aspecto do seu enterramento no domingo. **A Tribuna**. 07/07/1937. Ano 20, n° 1119, p.4)*

A ideia e a prática do cortejo permaneciam associadas ao religioso. Com mudanças no processo de condução que veremos com mais detalhes em seguida, o cortejo continuava a fazer parte do bem morrer<sup>1</sup>. O sentir o luto acompanhava tradições católicas romanas, como da presença de irmandades e de doações, esmolos nos cultos em memória do falecido, ou da falta de todos esses elementos no caso de um suicida. A descrição do sepultamento de Aloisio Anastácio é um exemplo dessa falta. Ele, jovem de 16 anos e filho de um dos anunciantes do jornal, Sr. Raphael Anastacio proprietário da Marmoraria Mineira, que tinha como slogan “*especialista em túmulos*” atentara contra a própria vida. A crônica, no entanto, ao tratar do cortejo limitou-se a informar que “*A morte trágica do desditoso moço foi bastante sentida, pois era ele muito relacionado e estimado em Uberlândia. O féretro, que teve grande acompanhamento, saiu da residência de seus pais, a Avenida João Pinheiro, às 16 horas de hoje*”(Suicidou-se em plena rua. Desiludido, talvez, da vida. Aloísio Anastácio põe termo a existência com um tiro na cabeça. Ignoram-se os motivos da tragédia. **A Tribuna**. 29/06/1938. Ano 20, n° 1220, p.1). O fato de não ter recebido os sacramentos é óbvio, mas o cortejo não informar a presença da pessoa do padre, ou do cortejo não seguir em direção à Igreja, aponta para a teologia corrente no momento que entre os suicidas não há o que fazer, nem mesmo lugar no Purgatório.

Em contrapartida, outra postura da família e da Igreja relata o periódico *A Tribuna* no passar dos dias do enterramento do Major Tobias Ignácio de Souza. Passadas duas semanas de

---

<sup>1</sup> O cortejo como parte do bem morrer é analisado por João José Reis em práticas fúnebres do século XIX, em especial na Bahia. O autor afirma que “*a ordem perdida com a morte se reconstitui por meio do espetáculo fúnebre, que preenche a falta do morto ajudando os vivos a reconstruir a vida sem ele*” e complementa “*Esse ritual de solidariedade para com o morto se associava à noção de que a boa morte nunca seria uma morte solitária e desprovida de cerimônia*”. REIS, 1991. Op. Cit., p.138 e 144.

seu falecimento, as irmandades das quais ele fazia parte cumpriram com seu dever, realizando ofício litúrgico, orando pelo destino da alma do saudoso irmão; *“Domingo passado, às oito horas em ponto, foi rezada missa em sufrágio da alma do saudosíssimo major Tobias Ignácio de Souza. Ao ato estiveram presentes as Irmandades do Rosário e de São José, que fizeram oficiar o referido ato em memória do seu saudoso irmão e fundador...”*(Tobias Ignácio de Souza. **A Tribuna**. 02/05/1936. Ano 19, nº 997, p.7).

Os ofícios em favor das almas dos que partiram cumpriam também com finalidade social. No momento do velório, quando o valor que seria gasto com coroas de flores era destinado a instituições que cuidavam dos pobres da cidade, como no caso do velório de Alzira Costa. Segundo o relato, o *“óbito se verificou nesta cidade a 17 do corrente, dispensaram as coroas que pessoas de relações pretendiam depositar sobre o ataúde, em benefício dos pobres para os quais foram revertidas as quantias destinadas aquela demonstração de estima”*, (Culto da Saudade. **A Tribuna**. 21/09/1935. Ano 19, nº 931, p.1) que então beneficiou com duzentos e dez mil reis, a Conferência Nossa Senhora do Rosário e a Sociedade São Vicente de Paulo. Esse ato, segundo o autor da crônica, além de ajudar os que necessitavam deveria servir de exemplo, uma espécie de vanguarda do luto, a outras cidades populosas *“A iniciativa da reversão do dispêndio das coroas fúnebres, que só servem como ostentação de luxo, em favor dos pobres, merece todos os aplausos e deve construir uma praxe em todos os centros populosos”*(Culto da Saudade. **A Tribuna**. 21/09/1935. Ano 19, nº 931, p.1).

Outro momento interessante nesse processo de vivência do luto e tradições católico-romanas mantidas, mesmo na década de 1930, é a relação das boas obras em cultos da saudade, dentro de um aspecto soteriológico, de uma ajuda mútua no processo de salvação. A diferença, ou adaptação no ato da esmola, é que a mesma tinha cunho social, na ajuda aos pobres como na missa em memória de Pio Alves Barbosa; *“Em homenagem á saudosa memória de Pio Alves Barbosa, depositamos nesta lista, o culto de nossas saudades, subscrevendo, por sua intenção, uma esmola em favor dos pobres do Asilo de São Vicente de Paula, desta cidade”*(Culto da Saudade. **A Tribuna**. 10/10/1934. Ano 15, nº 834, p.4).

Colaborar com a Sociedade São Vicente de Paula além de fazer bem para a alma e para os necessitados, contribuía para o ideal de cidade jardim, conforme explica Ribeiro:

*O Dispensário dos pobres de Uberlândia, cuja história se estende de 1934 à 1970, gerido também pela Sociedade São Vicente de Paula, cujos objetivos, além de retirar mendigos da rua, eram de auxiliar materialmente a pobreza no exercer o controle sobre as doenças contagiosas. O seu alvo principal eram os doentes portadores de Hanseníase, e, no Estado Novo, teve papel atuante na aplicação da política de saúde que construiu leprosários e preventórios por todo o país, isolando os doentes. Nesse sentido, este Dispensário promoveu a disciplinarização do espaço urbano de Uberlândia, afastando a pobreza indigente para a periferia, mantendo dessa forma, a imagem de 'cidade jardim' (RIBEIRO, 2006:35)*

Ainda dentro da manutenção das tradições, também não faltavam missas realizadas no interior do cemitério. Mesmo sem uma capela no interior da necrópole<sup>2</sup>, as missas, conforme da foto abaixo, eram oficiadas nos jazigos capelas das famílias beneficiárias do ato litúrgico. O cemitério gerido pela esfera pública, presencia em seu ambiente missas que aludem ao tempo em que a nave dos templos católicos tinha como principal atividade litúrgica celebrações em sufrágios das almas no purgatório. Importante ressaltar que as instituições republicanas são laicas, e em tese, os cemitérios também, mas os túmulos e o culto dos mesmos são privados e poderiam receber qualquer referência religiosa particular. Dessa forma, o espaço cemiterial é público e livre para expressão de crenças, que no caso da Uberlândia do período é predominantemente católica.

***Missa no interior do Novo Cemitério Municipal. Entre 1933 e 1942.***

---

<sup>2</sup>Somente vai ser edificada na década de 1960 no lugar onde fora construído o necrotério no ano de 1933.



Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Acervo imagens. Número 9241. Entre 1933 e 1942 (Em 1933 foi construído o necrotério que aparece no canto esquerdo superior da foto e a parte dos fundos do cemitério somente é murada no ano de 1942)

Nessa foto é possível observar, além do número significativo de presentes no ato em memória, que o cemitério municipal inaugurado em 1928, ainda não possuía, na sua avenida principal, pavimentação e muro nas suas delimitações. Por essas observações, e pelo pequeno número de jazigos, é possível que o registro seja da primeira metade da década de 1930. Interessante também na foto é a presença de pessoas bem vestidas e na sua grande maioria brancas o que indica que a missa, ou ato litúrgico de sepultamento, possivelmente seria de uma pessoa da elite local. O espaço onde ocorre o ato religioso na foto, conforme conversa com a senhora Alice Borges dos Santos<sup>3</sup>, é da família Rodrigues da Cunha, que cedeu o espaço para realização de missas até a construção de uma capela pela Igreja na década de 1960.

<sup>3</sup> A senhora Alice Borges dos Santos tem 87 anos. Ela é nascida em Martinésia, distrito de Uberlândia, e desde 1944 reside na área urbana da cidade. As informações foram concedidas após a missa realizada no cemitério São Pedro no

Voltando aos cortejos, agora nem tanto pelo seu trajeto, mas pela forma de condução, a década de 1930 apresentou inovações na cidade de Uberlândia. Como já informado, o recém inaugurado cemitério na geografia do período localizava-se no final da cidade, alinhado ao desejo de uma cidade salubre (SENNETT, 1994: 279), a nova necrópole enquadrava-se, distante 2,5 Km do centro da cidade, a denominada “*geografia do eliminado*”(CERTEAU, 2003: 74). Aliado a isto a denominada Avenida da Saudade não dispunha de pavimentação e arborização, ou seja, o trajeto além de possuir um aclive acentuado, no período de seca era bastante empoeirado e o sol castigava quem participasse do cortejo, e na época de chuvas o trecho além do córrego Cajubá, hoje Avenida Getúlio Vargas, tornava-se, segundo crônicas, quase intransitável.

A novidade neste período é o uso de autos para o cortejo. Refiro-me como algo novo, em razão, até onde as fontes permitem ir, que na década de 1920, ou seja, quando os enterramentos eram realizados somente no Cemitério Municipal inaugurado em 1898, que ficava cerca de 700 metros da Igreja Matriz, os periódicos não citam a presença de carros, apenas de um cortejo. Em compensação os carros são a tônica dos suntuosos cortejos e sepultamentos após a inauguração do novo espaço cemiterial em Uberlândia. O uso de carros, conforme explica Dillmann, é uma adaptação do que era o cortejo pomposo de outros períodos:

*No século XVIII e XIX, se disseminou o uso de carruagens nas conduções fúnebres promovidas pelas irmandades religiosas, devido à localização afastada dos cemitérios dos centros urbanos. Cavalos providos de adereços, carros cobertos de panos em evidência, cocheiros devidamente fardados conferiam destaque ao cortejo fúnebre e, também, ostentação para alguns segmentos sociais. Um bom carro fúnebre para a condução dos mortos fazia parte da pompa que consolava os vivos, sendo ainda um elemento de destaque da procissão fúnebre... no início do século XX as irmandades já contavam com carros motorizados... Os funerais mudavam, mas não perdiam a sua pompa(DILLMANN, 2013: 202)*

No funeral de José Rezende é possível visualizar pelo clichê abaixo de *A Tribuna*, como afirmou o jornalista “*o coche pela Avenida da Saudade com grande acompanhamento*”. A mesma avenida sem pavimentação, mas trafegada por grande pompa que a ocasião pedia, “*a maior ostentação dependia da família do morto*” (DILLMANN, 2013: 204) e no caso de José Rezende, empresário local, não poderia ser diferente.

*Momentos do funeral de José Rezende. Ano de 1933.*



Morreu José Rezende. *A Tribuna*. 22/02/1933. Ano 16, nº 668, p.1.

O cortejo além de cumprir com os ritos religiosos está de acordo com as condições sociais da família do morto. As imagens do funeral de José Rezende apresentadas acima revelam a importância e impacto social de enterros que passam a ser medidos pelo número de automóveis que seguem em direção ao cemitério. Essa condição social ocorre seguidas vezes nas páginas de *A Tribuna* na década em que Uberlândia se projeta como cidade jardim, cidade progresso.

Exemplo disso foram os funerais do Cel. Teófilo Carneiro e do Major Tobias Ignácio de Souza. O primeiro relato vem acompanhado de uma extensa e elogiosa biografia.

*... O velório foi revezado por amigos da família e parentes, tendo sido armada a camara ardente na sala de visita da casa em que residiu 26 anos esse saudoso uberlandense. 52 automoveis, apesar do mau tempo que ameaçava, acompanharam seu enterro, vendo-se ai, todas as pessoas de representação desta cidade, inclusive altas autoridades. O féretro foi retirado da camara ardente pelos seus filhos Clarimundo, Alberto, Geraldino e José, tendo antes se oferecido para pegarem na alça do caixão, o exmo. Sr. Dr. Arnaldo de Moura, digno juiz de direito desta comarca, cel. Adolpho Fonseca, Custodio da Costa Pereira e o diretor desta folha. Eram 18 horas e 10 minutos quando o cortejo deixou a praça da Independencia, em direção ao cemitério, dando a volta pela avenida Afonso Pena. (Cel. Teófilo Carneiro. **A Tribuna**. 15/03/1931. Ano 13, n° 540, p.1)*

*Todos os autos que acompanharam o cortejo iam cheios, não tendo os mesmos comportado o número de pessoas que desejavam acompanhar até a sua derradeira morada o saudoso uberlandense. O féretro foi retirado às 9 e 20 minutos da casa da residência da família Ignácio de Souza, sendo carregado até a Igreja pelos circunstantes, formando se até a Matriz uma verdadeira procissão... No Largo da Matriz o número de automóveis cresceu três vezes mais, pois devido a rua Barão de Camargos ser muito estreita diversos particulares deixaram ali seus os seus carros. O desfile - No desfile foram contados 81 automóveis, todos repletos, o que equivale dizer que compareceram ao enterramento 500 pessoas, exceto as que foram a pé esperar o extinto ... (O falecimento do Major Tobias Ignácio de Souza. **A Tribuna**. 15/04/1936. Ano 19, n° 992, p.4)*

O destaque ao número de automóveis nas páginas dos jornais apresentava o quanto aquele evento fora significativo na sociedade uberlandense de então. A ideia, conforme Mauro Dillmann escreve, era “*Mais do que garantir a condução dos mortos ao cemitério, os cortejos fúnebres se revestiam de um ritual orientado para imortalização do indivíduo na memória coletiva... despertando atenções no trânsito urbano pela suntuosidade dos carros funerários a motor*” (DILLMANN, 2013: 214). O cortejo com elevado número de autos representava o quanto a pessoa era bem quista pela modelo de cidade e sociedade que era almejado, como no caso dos cortejos de Rosa Jorge Rassi<sup>4</sup> e de Theresinha de Carvalho<sup>5</sup>, a primeira filha de imigrantes sírios

<sup>4</sup>Segue o relato no periódico: “*Senhorita Rosa Jorge Rassi – Sucumbiu repentinamente nesta cidade às 17, 15 horas do dia 14 corrente a prendada senhorita Rosa Jorge Rassi, filha do Sr. Jorge Rassi, e de sua esposa d. Corina Rassi, destacados elementos da colônia síria local. Vitimou-a uma congestão cerebral, tendo o seu prematuro desaparecimento causado grande consternação entre todas as pessoas de suas relações. O enterro realizou-se no dia seguinte, tendo o ataúde sido conduzido a pé até a Igreja Matriz, e dali ao cemitério, sempre acompanhado por um grande cortejo de automóveis conduzindo pessoas da amizade da família*”. Falecimento. **A Tribuna**. 17/08/1941. Ano 22, n° 1519, p.4.

<sup>5</sup>Segue o relato no periódico: “*O estimado uberlandense Sr. Bolivar de Carvalho e sua digníssima esposa d. Maria Joana de Carvalho, acabam de passar pelo duro golpe de perder a sua interessante Theresinha de Carvalho, de um*

e a segunda filha de um elemento estimado pela imprensa local, ambas as filhas de cidadãos que não carregavam patentes militares ou titulação no serviço público.

O cortejo com grande número de carros, ou pelo menos enumerados pelos cronistas, permitia um enterro diferente do habitual. O ato de sepultar assim era transformado em um evento simbólico, e especialmente o morto e o nome de sua família, o destaque social(DILLMANN, 2013: 213). Esse modelo de funeral carregava consigo, conforme conceito abordado por Georg Simmel uma ideia de distinção dos indivíduos também no morrer(SIMMEL, 2005: 10). Associada a essa distinção estava relacionada à ostentação no cortejo, que reforçava as hierarquias sociais já estabelecidas, conforme explica Mauro Dillmann:

*Os carros motorizados, apesar de demandarem maiores investimentos, destinados ao pagamento da prestação de serviços [reparos e condução], de ferramentas e gasolina, garantiam a inserção da irmandade e do cemitério na 'dinâmica da modernidade'... Os novos carros motorizados eram um novo elemento do cerimonial de cortejo fúnebre: possibilitavam rapidez, conforto e distinção. Como produtos de 'alto luxo, eles logo se tornaram instrumentos de ostentação, prestígio e poder'... na hora da morte, poder seguir o corpo morto num cortejo automobilístico tinha significados que reforçavam as hierarquias sociais. Os carros fúnebres motorizados significavam também novas etiquetas fúnebres, que visavam conferir ainda maior prestígio à família do morto(DILLMANN, 2013: 230)*

Importante ressaltar, nesse contexto motorizado de cortejo, o carro fúnebre. Tão importante quanto o número de veículos que iam até a morada derradeira era o veículo condutor do esquife. Em Uberlândia, conforme visualizado acima no cortejo de José Rezende, o carro funerário em questão pertencente ao senhor Pedro José Samora da funerária Empresa São Sebastião, era conhecido na cidade por “bererê”<sup>6</sup>, conforme legenda de foto do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

---

*ano de idade no enlevo de seu lar. A pobre criança que se mostrou de uma resistência enorme acometida de uma enfermidade intestinal que zombou de todos os recursos da medicina e do carinhoso trato que esteve a cargo das pessoas de sua família, as quais, neste duro golpe tem o consolo de não haverem descuidado um instante da doentinha, até que hoje, pelas sete horas, mais ou menos, circulou a notícia de seu falecimento pela cidade, afluindo a casa de seus pais grande número de pessoas, dada a consideração de que gozam nesta cidade. O enterro de Theresinha realizou-se hoje às 16 horas, nele se vendo grande representação do comércio e da nossa sociedade, num cortejo de trinta e oito automóveis, em que esteve presente o seu próprio pai. Nele estivemos representados pelo Sr. Anecy Pereira”. Falecimento. **A Tribuna**. 01/02/1940. Ano 22, n° 1373, p.4.*

<sup>6</sup>O termo carrega duas possibilidades de associação com o carro fúnebre. Se for bereré, que significa barulho ou motim, estaria relacionada com o som do veículo. No caso de bererê, cujo significado é mosquito do gênero anófeles, poderia ser pela aparência do carro em questão. Anúncios. **Correio de Uberlândia**. 20/09/1940. Ano 03, n° 539, p.3.

*Cortejo fúnebre e carro “bererê”. Década de 1940.*



Rua 21 de abril, atual rua Goiás esquina com av. Afonso Pena. À direita lojas "A cearense". Neste local também foi a loja de móveis Alfa. Na foto cortejo de um velório, pois à frente está o carro funerário, na época chamado de BERERERE, e pertencia ao sr. Samora. Aproximadamente na década de 1940. Descrição da fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Mesmo sem uma explicação para denominação popular do carro, o fato é que o veículo trabalhado e ornado para ocasião, dentro da esfera das representações significava muito para o momento, conforme explica Mauro Dillmann, *“os adornos dos carros tornavam o funeral mais bonito, atrativo e importante simbolicamente aos olhos da população, constituindo-se em certo espetáculo fúnebre, do qual podiam usufruir certos grupos sociais, que se destacavam pelo seu*

*poder econômico e sua importância social*”(DILLMANN, 2013: 214), entendendo que “*um bom carro fúnebre fazia parte do rito funerário que auxiliava a superar o trauma da morte nos sobreviventes*”(DILLMANN, 2013: 205).

Outra inovação no cortejo era o que dizia respeito à condução do caixão nos trajetos em que não era possível o uso de veículo, quer seja motorizado ou não. O uso de uma carreta fúnebre para pequenas distâncias é aludido em uma crônica de 1937, em função da dificuldade em carregar o caixão,

*Uberlândia já necessita de uma carreta fúnebre? Esta pergunta parecerá um pedantismo de nossa parte. Absolutamente. Temos, é fato, um ótimo serviço funerário, mas torna-se indispensável esse aparelhamento para não assistirmos o martírio porque passaram, há dias, os amigos de Elias Andraus, ao prestar-lhe a derradeira homenagem, carregando-o, a pulso, até a Igreja. É claro que todos quantos pegaram nas alças do seu caixão funerário o fizeram satisfeitos deste sacrifício, mas a questão é que se o trajeto fosse um pouquinho maior as alças não suportariam. Elias era excessivamente pesado e seis homens não o poderiam carregar por mais tempo, porque pesava ele mais de cem kilos. As alças funerárias hoje são quase simbólicas. Há mesmo caixões funerários que não trazem alças. O melhor, portanto, é adotarmos a carreta, que em nada diminui a homenagem e é até mais elegante porque sobre ela poderemos ver a urna entre flores naturais e rodeada de outros símbolos homenageantes. Estamos certos que a nossa Prefeitura não precisará decretar esta providência porque um dos proprietários da empresa funerária desta cidade já nos disse que bastará um aviso do Sr. Prefeito para sua empresa adotar a carreta. Por um simples decreto, pois, poderemos ter este meio próprio de homenagear os mortos.*(Uma carreta fúnebre. **A Tribuna**. 14/07/1937Ano 20, nº 1121, p.4)

Além de todas essas questões envolvendo o status e a ostentação no cortejo, o uso de carros ou carretas, também estava associado ao modelo que se desejava para a Uberlândia de pouco mais de 42.000 habitantes do final da década de 1930 e início da década de 1940. Uma dinâmica social baseada na limpeza, velocidade e progresso não abria espaço para as carroças, os animais e carroceiros no centro da urbe. Para isso, a câmara de Uberlândia através do decreto nº 62 de 22 de abril de 1939, assim legislava; “*Art. 1º. Fica proibido nas praças, avenidas e ruas calçadas desta cidade o trânsito de veículos puxados a bois. Parágrafo único. A proibição estende-se a todas as vias públicas, à proporção que forem sendo pavimentadas*”(PEREIRA, 2010: 388).

Mesmo que a lei fizesse referência apenas aos carros de boi, as crônicas do período seguinte à lei mencionam todo tipo de veículo de tração animal como empecilho para o progresso

local, conforme apresenta o Correio de Uberlândia em duas reportagens do ano de 1940<sup>7</sup>. A proibição de carroças ou carros de boi do perímetro urbano da cidade favorecia o uso de veículo motorizado para condução dos mortos ao cemitério local, ainda que a via de acesso ao Cemitério Municipal somente seria pavimentada e arborizada no final de 1943.

Ainda com todas as proibições e pressão por parte de setor da imprensa relativas aos veículos de tração animal na cidade, é importante ressaltar que esse modelo de transporte não deixou de existir. Considerando que o ofício de carroceiro permanece até hoje, ainda em grandes centros urbanos, na Uberlândia das décadas de 1930 e 1940, esse era um trabalho que tinha um grande número de profissionais. E conforme crônica citada acima, a transgressão às leis relativas aos limites de circulação desse tipo de transporte continuou e as carroças continuaram a trafegar pela área central da cidade. Esse conflito entre inovações e resistências também atingiu os ritos que envolvem o sepultamento, no caso o cortejo, conforme explica Dillmann:

*As conduções fúnebres, por sua vez, passaram a apresentar certo requinte, pois, somados à novidade do motor, receberam requintada decoração... os carros fúnebres motorizados ganharam destaque e importância com a intensificação da urbanização, mas as carroças e carruagens não deixaram de circular nos espaços públicos da cidade, em direção aos cemitérios, sejam como conduções fúnebres, sejam como meio de transporte para os visitantes(DILLMANN, 2013: 226)*

Em Uberlândia, as carroças continuaram a realizar cortejos e a manter essa tradição. Conforme crônica do início deste trabalho, atendendo a um desejo do finado Justino Mateus de Melo, o cortejo de carroças atravessou a cidade, da Vila Operária até o Cemitério Municipal, no período dois extremos da cidade, passando pelo centro, chamando a atenção no cotidiano da população:

*A população da zona central da cidade, em toda a extensão das suas principais avenidas, movimentou-se na manhã de ontem em um desusado impulso de curiosidade, que, desde logo, se espalhou celeremente. Embora se tratasse de um caso triste, não faltou quem levasse o acontecimento pelo lado jocoso, atribuindo-o, desde logo, à falta dos carburantes. O FATO. Cerca das sete e meia horas de ontem, desciam pela Avenida Floriano Peixoto sessenta e três carroças em desfile, cada uma delas conduzindo numerosas pessoas. A frente do cortejo fúnebre, em demanda do Cemitério Municipal.(Desejou um cortejo de carroças para levá-lo à última morada. Curioso desfile funerário através da cidade. **Correio de Uberlândia**. 10/09/1942. Ano 05, nº 998, p.1)*

---

<sup>7</sup>Títulos das reportagens:Carroças nas estradas. Serão severamente punidos os carroceiros que transitarem pelas estradas de automóveis. Uma medida de grande alcance. **Correio de Uberlândia**. 13/12/1940. Ano 03, nº 602, p.1.; eNada de cocheiras no centro da cidade. **Correio de Uberlândia**. 06/12/1940Ano 03, nº 597, p.1.

Outro relato que apresenta resistências ao modelo imposto pelas elites locais é o cortejo da esposa de João Rosalino Gonzaga. A falecida, cujo cronista nem o nome menciona, que só é importante como esposa de quem é, tratando-se de mulher pobre, envolveu em seu cortejo um número bem maior de carroceiros, cerca de duzentas carroças. Se na visão das autoridades e dos cronistas a carroça era um veículo tosco e dissonante com o progresso, o fato de existir na cidade de Uberlândia um sindicato de carroceiros indica a importância, bem como a presença em grande número, das carroças na década de 1940. Isso confirma o número de profissionais deste ramo a afrontar as autoridades locais, sobretudo por se tratar da permanência de um cortejo conduzido por tração animal:

*Na azafama de todo instante, quando a cidade apresentava no seu aspecto cotidiano os rumores de suas atividades de todo o dia, uma nota diferente e singular alterou aquela mesmice envolvendo sua população numa curiosidade comovedora. Era o rodar estrepitoso de cerca de duzentas carroças acompanhando o coche da esposa de um carroceiro, á sua derradeira morada. Simples, humana e tocante homenagens de homens simples e humildes, que nos seus toscos veículos prestavam àquela que foi companheira dileta e amantíssima de um dos seus companheiros. Entrementes, á vista do curioso desfile, os pedestres desocupados ou não, comovidos pela edificante homenagem dos carroceiros de Uberlândia, descobriram-se á passagem do esquife, transparecendo na fisionomia grave e respeitosa visíveis sinais de emoção e tristeza. A cidade inteira sentiu e louvou a grandeza simples daquele enterro e compreendeu melhor o coração bem formado e sincero daqueles homens anônimos, que possuem reservas admiráveis de sentimentos puros e de solidariedade humana pela dor alheia. A morte, que foi acompanhada de centenas de carroças pelos amigos de seu marido, era esposa do carroceiro João Rosalino Gonzaga, fiscal do sindicato dos carroceiros e pessoa largamente benquista em nosso meio, falecida no dia de ontem. O prefeito Vasconcelos Costa fez-se representar no enterro, na pessoa do sr. João Bernardes de Souza. (Uma nota comovedora e curiosa na vida da cidade! Cerca de 200 carroças alteraram a mesmice das ruas, conduzindo os restos mortais da esposa de um carroceiro. **Correio de Uberlândia**. 20/02/1944. Ano 08, nº 1362, p.4)*

As notícias acima demonstram o quanto as tradições se mantêm mesmo em meio a mudanças tidas como ideais dentro do modelo de uma nova urbe. Considerando que as resistências sempre existem, o fato de os carroceiros atravessarem a cidade demonstra o quanto o poder público tinha sua força limitada diante de algo tão significativo e respeitoso quanto um cortejo fúnebre. Além disso, as carroças aqui distinguem outra coisa: primeiro o ofício e segundo do morto. Elas, as carroças, não estavam preparadas, na percepção de quem observou, para as homenagens fúnebres costumeiros, daí o “estranho cortejo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças como vimos acima foram promovidas para destacar um modelo de necrópole, um modelo de cortejo em um modelo de cidade. Mas, o velho cemitério, bem como velhas formas de transporte usadas para enterramentos continuaram a ser utilizadas em meados dos anos 1940. A cidade nova e o novo cemitério tinham de conviver com o velho cemitério e com aqueles que não se encaixavam no modelo proposto para a urbe dos vivos e dos mortos.

Mesmo com as permanências, os ideais de cidade jardim, seu ordenamento e embelezamento, passaram a ganhar força nas décadas de 1930 e 1940 em Uberlândia, fazendo com que o cemitério e a urbe andassem cada vez mais, como ocorrera em outras cidades, lado a lado (NASCIMENTO, 2006: 316). Como já ocorria em outros espaços cemiteriais mais antigos e de capitais, seu interior, por exemplo, estava cada vez mais alinhado com os ideais de uma cidade moderna (NASCIMENTO, 2006: 315).

Com relação ao embelezamento do novo cemitério de Uberlândia não se pode descartar a sacralidade nos seus símbolos, na permanência das tradições religiosas. Entendendo que o espaço não está secularizado, onde várias religiões expressam a esperança do homem na imortalidade, o mesmo apresenta com seus monumentos, tanto um lugar de expressão econômica como de uma paisagem que tem características espirituais e místicas (FRANCAVIGLIA, 1971: 502), portanto macroecumênico (BRAKEMEIER, 2004: 113-122)<sup>8</sup>.

No que diz respeito ao particular, no caso na expressão dos enlutados, especialmente as novas formas de cortejos e sepulturas na nova necrópole, observa-se a vontade e reafirmação social na morada dos mortos, como nas ruas e avenidas da urbe, que conforme explica Dillmann, são fruto de *“desejos e vontades sociais”* (DILLMANN, 2013: 170), dentro dos ideais voltados para a *“limpeza, a organização, o adorno e a estética”* (DILLMANN, 2013: 198).

---

<sup>8</sup>O conceito macroecumênico aponta para um diálogo e ações entre religiões ou inter-religioso. Nesse sentido macroecumenismo é melhor apropriado para as práticas religiosas em um cemitério público do que ecumenismo. O conceito ecumênico, na grande maioria das vezes, é usado para apontar um diálogo entre denominações de uma única religião, como por exemplo, o diálogo entre católicos e protestantes no cristianismo.

## FONTES DE PESQUISA

### JORNAIS

*A Tribuna (1919-1942)*

*Correio de Uberlândia (1938-1944)*

### BIBLIOGRAFIA

BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz. Um curso de ecumenismo*. São Paulo: ASTE, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 3ª edição. Campinas: Papirus, 2003.

DILLMANN, Mauro. *Morte e práticas fúnebres na secularizada República: a irmandade e o Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre na primeira metade do século XX*. São Leopoldo: Unisinos (Tese de doutorado), 2013.

FRANCAVIGLIA, Richard V. *The Cemetery as na Evolving Cultural Landscape*. *ANNALS of the Association of American Geographers*. Kansas: Volume 61, nº 3, September 1971.

NASCIMENTO, Mara Regina. *Irmandades leigas em Porto Alegre. Práticas funerárias e experiência urbana: séculos XVIII – XIX*. Porto Alegre: UFRGS (Tese de doutorado), 2006.

PEREIRA, Oscar Virgílio. *Das sesmarias ao pólo urbano: formação e transformação de uma cidade*. Uberlândia: Gráfica Composer Editora Ltda, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Paris – Rio de Janeiro – Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora Universidade – UFRGS, 1999.

REIS, João J. *A Morte é uma festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Raphael A. *Almas enclausuradas: prática de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970)*. Uberlândia. UFU (Dissertação de mestrado), 2006.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização Ocidental*. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 1994.

SIMMEL, Georg. *La metropolis y la vida mental*. Chile: Bifurcaciones, nº 4. Primavera, 2005.